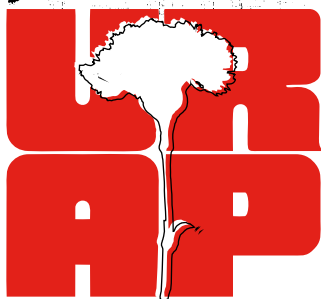


50 anos de Abril



Tempos de chumbo e de resistência

A União Europeia, onde o «Estado Social» de Willy Brandt e Olof Palme foi trocado pela exploração sem freio do neoliberalismo de Reagan e Thatcher, faz agora soar as trombetas da guerra, reduzindo todo o discurso à falaciosa dicotomia do «agressor» e do «agredido», encenando o papel de vítima depois de ter avançado com os mísseis da NATO e dos USA até às fronteiras da Federação Russa (capitalista, mas definida como «autocrática»), que reagiu militarmente ao cerco que o «ocidente alargado» lhe montou e que pretende estender à Ucrânia, rasgando promessas e tratados.

As recentes eleições europeias aconteceram nesse assanhado contexto de «corrida às armas» com uma comunicação social que repete um falso consenso guerreiro e reaccionário, aproveitando para reescrever a história, pondo no mesmo plano, como «dois extremismos que se tocam», os que torturaram, assassinaram e exploraram «a bem da nação» e da ditadura, e os que se sacrificaram na defesa da liberdade e dos direitos democráticos quando eles não existiam.

A verdade é que a União Europeia (UE) não constitui grande exemplo de democracia:

uma «união» assimétrica, de tratados não plebiscitados, com órgãos directivos não eleitos e um banco central «independente» dos votos, com uma moeda vantajosa para os países mais ricos.

Como afirmam Nuno Teles e Matheus Dias, economistas e investigadores brasileiros no *Le Monde Diplomatique* (ed. portuguesa, Maio, 2024), «a União Europeia adoptou um modelo de regime de política económica imune a eleições e, portanto, à democracia, assente num cepticismo em relação ao papel do Estado.»

De facto, nessa União Europeia anunciada como a terra do leite e do mel, são sempre os mesmos que pagam a crise: «As respostas europeias são sempre guiadas pelas maiores economias e não pelas necessidades dos trabalhadores portugueses (...) após quatro anos de suspensão das regras fiscais previstas no Pacto de Estabilidade, a recente aprovação de um novo pacote legislativo marca o retorno de uma nova era de austeridade na Europa», afirmam os economistas atrás citados.

E quanto a isso, qual é a posição dos partidos do «centrão moderado» em Portugal

(PS, PSD) e outros «europeístas»? A de elogiar a «flexibilização» das novas regras e a defesa da abolição da exigência de unanimidade nas grandes decisões da UE, abdicando das raras situações em que os pequenos países são tratados como iguais.

É o sentimento de desilusão com as promessas não cumpridas pelos partidos «do poder» sequestrados pelos interesses dos grandes grupos económicos, em que a ilusão de alternância não responde aos problemas, a que se alia o continuado bloqueio à esquerda aproveitando décadas de preconceito anticomunista, que cria o caldo de cultura (largamente subsidiado) onde a extrema-direita antidemocrática e fascizante tem crescido.

Como disse Mário Sacramento, no seu derradeiro discurso proferido a 31 de Janeiro de 1969, «onde os privilégios económicos subsistem, os direitos políticos não estão enraizados e podem ser coarctados sem dificuldade».

O resultado das recentes eleições europeias mostram como um ambiente que fomenta a guerra, o racismo, a xenofobia, o egoísmo social, o desprezo pelo «outro», a ilusão do euromilhões do empreendedorismo, tem conseguido condicionar os eleitores, fragmentando o voto à esquerda numa estratégia que passou pelo isolamento de causas «fracturantes» ou identitárias, fazendo crescer a direita e a sua expressão mais extremista.

«Façam o mundo melhor, ouviram! Não me façam voltar cá!», foi a bem humorada mensagem de despedida que nos deixou o grande intelectual aveirense, tão injustamente esquecido nestes cinquenta anos de Abril.

É preciso unir todos os que o desejam, continuando a lutar para o construir.

Jorge F. Seabra

25 de Abril sempre!

Este ano, as comemorações do 25 de Abril foram imensas, confirmando que Abril está vivo no coração do povo - Págs. 10 e 13

Conferência internacional da URAP debate ameaças à democracia e luta antifascista - Págs. 6 e 7

Um sonho feito realidade: já foi inaugurado o Museu Nacional Resistência e Liberdade - Págs. 4 e 5



URAP visita escolas da Ilha Terceira para comemorar Abril

A convite do Sindicato dos Professores da Região Açores (SPRA) a URAP visitou escolas da Ilha Terceira, entre os dias 9 e 12 de Abril, para partilhar memórias dos tempos que levaram à Revolução do 25 de Abril.

José Pedro Soares, coordenador da URAP, e Carlos Mateus, do Conselho Directivo, falaram em seis sessões, durante três dias, a cerca de 800 alunos das escolas da Ilha Terceira, onde foram apresentadas várias exposições de materiais alusivos ao 25 de Abril: painéis da URAP, cartazes, imagens e pinturas realizadas pelos alunos.

As sessões decorreram nos auditórios das escolas ES Tomás de Borba, EBI de Angra do Heroísmo, ES Jerónimo

Emiliano de Andrade, EBI Francisco Ferreira Drummond, do concelho de Angra do Heroísmo, assim como das escolas do concelho da Praia da Vitória, ES Vitorino Nemésio e EBI Francisco Omelas da Câmara.

José Pedro Soares contou a sua vivência nas lutas que o levaram a ser preso político e toda a sua experiência como lutador pelos valores democráticos, tendo os alunos colocado questões, nomeadamente sobre como é estar preso, a vida na cadeia, as fugas e as novas formas de fascismo que enfrentamos hoje.

Carlos Mateus falou do país antes do 25 de Abril de 1974: um Portugal pobre, cinzento, pouco desenvolvido, com prisões

políticas e onde a censura e a perseguição eram constantes para aqueles que lutavam e ansiavam pela liberdade e a democracia.



URAP comemora 1.º de Maio e participa nas manifestações de mulheres e pela Paz na Palestina

O 1.º de Maio de 2024 foi comemorado pela URAP em Lisboa e no Porto, bem como em outras cidades, com grandes manifestações. Em Lisboa, a URAP teve um stand na Alameda Afonso Henriques, onde estavam à venda livros e publicações e havia fichas de inscrição na organização.

Sócios e amigos da URAP participaram, com panos e bandeiras, em diversas manifestações - em Lisboa nos dias 6 de Abril e 11 de Maio - a favor de um cessar-fogo imediato na

Palestina, pelo fim do genocídio que Israel está a levar a cabo em Gaza e pelo reconhecimento do Estado da Palestina em conformidade com os princípios inscritos em sucessivas resoluções das Nações Unidas, gritando bem alto: *Paz sim, guerra não!* A URAP esteve presente noutras acções de solidariedade com o povo palestino realizadas em diversas cidades do País.



A URAP participou também, a 23 de Março, na **Manifestação Nacional de Mulheres**, promovida em Lisboa pelo MDM. Reafirmou, assim, o seu apego aos valores de Abril, de entre os quais sobressai a igualdade.



URAP

URAP
Propriedade e edição da
UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES
Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA ANA PATO
REDACTORA LUÍSA TITO DE MORAIS
PAGINAÇÃO E GRAFISMO SÓNIA SEMIÃO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BENEFICÊNCIA Nº 239-A, 1600-019 LISBOA •
TELEFONE 213 576 083
DEPOSITO LEGAL: 357338/18

Livro «Cadeia de Caxias» é a mais recente edição da URAP

A cadeia de Caxias encerrou mais de 10 mil presos políticos entre 1936 e 1974. É o que relata a mais recente edição da URAP, que se junta a uma já considerável bibliografia sobre o fascismo e a resistência em Portugal. «Cadeia de Caxias. A repressão fascista e a luta pela liberdade» apresenta o nome de todos os presos, as suas profissões e naturalidade, oferecendo uma visão muito precisa de quem foram e do tempo que ali permaneceram encarcerados.

O prefácio da obra, da autoria de Levy Baptista, intitulado «O reconhecimento a quem o merece», considera que o livro afirma e defende os valores democráticos. Quanto aos presos políticos, «foram verdadeiros heróis da resistência à ditadura no nosso país».

O livro foi apresentado no dia 9 de Maio na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa com a presença do director, Eduardo Vera Cruz, o coordenador da URAP, José Pedro Soares, o Tenente Fuzileiro David Geraldês, que participou na libertação dos presos, Madalena Santos, presidente da Associação Portuguesa dos Juristas Democratas (APDJ), e Matilde Lima, estudante desta faculdade e também dirigente da URAP. Álvaro Pato, do Conselho Fiscal da URAP e ex-presos político, dirigiu a sessão.

O encontro, que constituiu também uma homenagem aos milhares de homens e mulheres que resistiram e lutaram durante 48 anos, para que fosse possível derrubar o fascismo, terminou com um momento cultural com a actuação de Filipe Lopes e Rúben Martins.

A obra tinha já sido apresentada a 4 de Abril, na Sala de Leitura Bernardo Santarém, em Santarém. A apresentação

do livro ficou a cargo de José Oliveira, da URAP, e contou com a presença de José Luiz Madeira Lopes, das Comemorações Populares do 25 de Abril em Santarém, Carlos Cruz e Jaime Fernandes, que foram presos durante a ditadura.

José Pedro Soares, coordenador da URAP e antigo preso político, apresentou o livro no dia 14 de Abril, numa sessão promovida no **Barreiro** pelo núcleo da URAP, em que participaram 150 pessoas. Dirigida por Rosalina Carmona, do Conselho Nacional, decorreu na sede de Os Penicheiros SIRB, e contou ainda com as intervenções de Júlio Dias, do Conselho Nacional, e Pedro Estrela, em representação da SIRB.

Houve um momento cultural em que foi lida poesia por Júlio Mesquita e canções de resistência por Sofia Lisboa e Zé Guedes. A sessão terminou, emotivamente, com a entrega simbólica de um cravo aos antigos presos políticos presentes na sala.

Em **Aveiro**, a 1 de Junho, José Pedro Soares participou na sessão organizada no auditório da Biblioteca da Câmara Municipal, juntamente com o médico Jorge Seabra e a vereadora da Cultura do município, Teresa Grancho. Rui Oliveira interpretou o «Hino de Caxias» e Virgília Almeida, do Grupo Poético de Aveiro, e o escritor e poeta Rui Vasqueiro declamaram poemas de Agostinho Neto, Maria Teresa Horta e Glória Marreiros.

No mesmo dia, o livro foi apresentado na Associação de Jornalistas e Homens de Letras do **Porto**, por Silvestre Lacerda. Houve ainda testemunhos de Carlos Nelson Amador, ex-presos político, e Fernando Rodrigues, militar que participou na libertação dos presos de Caxias, a 27 de Abril de 1974.

Na morte de Sérgio Ribeiro

O economista Sérgio Ribeiro, antifascista que dedicou a vida à luta pela democracia e pela emancipação dos povos, militante do PCP desde 1959, que participou no II Congresso Republicano de Aveiro, em 1969, e fez parte da Comissão Nacional do III Congresso da Oposição Democrática, realizado em 1973, em Aveiro, morreu dia 29 de Abril aos 88 anos.

Sérgio José Ferreira Ribeiro, vice-presidente da Associação de Estudantes do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras de Lisboa na juventude, foi detido pela PIDE duas vezes, no Aljube e em Caxias, e foi um dos presos libertados a 27 de Abril de 1974.

Após o 25 de Abril, foi deputado à Assembleia da República nos anos 80, consultor chefe da missão BIT/OIT em Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e outros países africanos, tendo integrado a delegação portuguesa à Conferência Internacional do Trabalho em 1974 (Genebra) como delegado governamental. Foi Director-Geral do Emprego.

Deputado no Parlamento Europeu de 1990 a 1999, e 2004 e 2005, tendo sido Questor entre 1994 e 1999. Membro de várias comissões do Parlamento Europeu e do intergrupo para as questões de Timor-Leste.



Outras edições

Entretanto, outras obras da URAP continuam a ser apresentadas. Foi o caso do livro «Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo», a 19 de Abril, no Agrupamento de Escolas João Maria Botas Carriço, em **Monforte**, no distrito de Portalegre. Participaram Margarida Machado, do Conselho Nacional da URAP, e Vitalina Sofio.

O núcleo da URAP de **Vila Franca de Xira**, com a participação da União Desportiva Columbofila Adolosquense (UDCA), organizou, dia 18 de Maio, uma sessão em A-dos-Loucos, Alhandra, de apresentação do livro «A caminho do 25 de Abril. 50 Anos. 3.º Congresso da Oposição Democrática. Aveiro Abril 1973». Edgar Costa, do Conselho Directivo, marcou presença, juntamente com pessoas que há 51 anos participaram nesse congresso.



Foi ainda membro da Assembleia Municipal da Amadora e da Assembleia Municipal de Ourém e fundador do Conselho Português para a Paz e Cooperação. Integrava nos últimos anos a Comissão Concelhia de Ourém do PCP.

Sérgio Ribeiro era autor de vários livros e artigos, fundamentalmente sobre economia política.

O povo saiu à rua para celebrar os 50 anos da libertação dos presos políticos

Que melhor forma de comemorar os 50 anos da libertação dos presos políticos - concretizada a 27 de Abril de 1974 nas prisões de Caxias e Peniche - do que inaugurar o Museu Nacional Resistência e Liberdade, sonho acalentado durante décadas por todos os que resistem ao fascismo e lutam pela liberdade e a democracia?

Pois bem, o sonho tornou-se realidade: o museu foi mesmo inaugurado a 27 de Abril de 2024, 50 anos depois da saída dos últimos presos políticos da fortaleza de Peniche, onde o regime fascista encarcerava mais de 2500 homens por lutarem por um país mais justo e um mundo melhor.

No pátio da fortaleza encontra-se o memorial que desde 2019 lembra o nome de 2626 presos entre 1934 e 1974. É daí que começa a visita ao museu, que só existe porque a unidade dos democratas - ex-presos políticos, familiares, antifascistas em geral e organizações que lutam pela preservação da memória, com a URAP a



assumir um papel de destaque - foi mais forte do que o Decreto-Lei n.º 161/2019, com o qual o governo pretendia transformar uma das mais sinistras cadeias da ditadura, considerada como símbolo maior da resistência antifascista e da luta pela liberdade, numa pousada de luxo ao abrigo do Programa Revive.

«Quando não se desiste e se luta por causas justas como esta pode demorar tempo, mas a força da razão e da luta acabam por vencer», diria o coordenador da URAP, José Pedro Soares, quando falou no final da cerimónia.

Cravos de Abril erguidos

Antes de entrarem no Forte, ao som do hino do MFA, milhares de pessoas vindas de todos os pontos do país encheram as ruas de Peniche num desfile encabeçado por ex-presos políticos e personalidades «erguendo de novo, os nossos cravos de Abril», como diria o coordenador da URAP na sua intervenção realizada mais tarde, já no interior da fortaleza.

«25 de Abril Sempre, Fascismo nunca mais» lia-se numa faixa da URAP. À subida para o forte, a banda da Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense toca «Grândola, Vila Morena». A cerimónia no forte vai começar.

Guilherme Vaz, presidente da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, leu a mensagem do ex-presos político António Borges Coelho. O historiador diz que os museus «guardam memórias que marcam o nosso quotidiano», mas este «é um museu singular, um museu destinado a resgatar a memória daqueles que ousaram oferecer a sua vida para resgatar a liberdade roubada durante 48 anos de repressão e obscurantismo».

Herculana Velez, filha do ex-presos Joaquim Diogo Velez, toma a palavra para dizer que «fomos meninos e meninas. Não



nascemos adultos, tornámo-nos adultos em tempo de ser criança». Conta que, aos 3-4 anos, esteve na clandestinidade com os pais durante quatro anos, até estes serem presos.

A mãe saíra ao fim de um ano e o pai de nove: «Nove anos passados em função desta cadeia, ora a caminhar a fim de visitar o meu pai, ora assistindo às lutas travadas na entrada desta fortaleza pelas companheiras e mães, principalmente, mas também por outros familiares exigindo direitos como saber, por exemplo, porque determinado preso, ou um grupo de presos, não tinha direito a visitas.»

«Se eu tinha medo? Nunca chorei, nunca demonstrei medo, nunca falei. Eu não falava nem para dizer o nome», contou Herculana Velez. «Se esta menina

ficou marcada pela vida clandestina, pelos sacrifícios e a luta dos pais resistentes antifascistas? Sem dúvida!».

«Quero deixar aqui também o meu agradecimento e homenagear o povo de Peniche que, vencendo o medo e ameaças da PIDE, prestou auxílio e uma enorme solidariedade às famílias dos presos políticos em condições económicas mais desfavorecidas, abrindo as portas das suas casas para que nelas pernoitássemos. Eu e a minha mãe ficamos em algumas dessas casas», revelou.

Depois do secretário-geral da Federação Internacional de Resistentes (FIR), Ulrich Schneider, ter dito algumas palavras, entregou aos resistentes portugueses, na pessoa da directora do museu, Aida Rechena, livros editados pela FIR sobre a resistência antifascista.

«Notável empreendimento»

A encerrar, José Pedro Soares lembrou que «há precisamente 50 anos, nas primeiras horas do dia 27 de Abril de 1974, vencidas as resistências de Spínola, que não queria a libertação de todos os presos políticos em Peniche, tal como em Caxias, a vontade do povo foi mais forte: as portas destas cadeias finalmente abriram-se para, entre aplausos e vivas à liberdade e ao 25 de Abril, saudar a libertação dos presos políticos do fascismo».

«Passados 50 anos, aqui estamos, para celebrar a concretização desse apelo, a concretização do direito à memória, para evocar a resistência à opressão, à luta contra a guerra e o colonialismo, pela democracia, pela liberdade, por um mundo mais justo e liberto da exploração, porque foi esse o combate, foram essas as causas por que se bateram os que, entre 1934 e 1974, aqui estiveram encarcerados.»

Após relatar os difíceis passos que foram dados para que o museu se tornasse uma realidade, José Pedro Soares quis recordar muitos dos seus obreiros: «Lembramos a Dra. Paula Silva, da Direcção Geral do Património Cultural, sua directora quando foi tomada a decisão, o Arquitecto João Barros Matos, que concebeu o projecto e o plano das obras do museu, a Dra. Teresa Albino, técnica superior, que acompanhou o processo desde a primeira hora, e a Dra. Aida Rechena, directora do museu, cujo



empenho, determinação e competência todos lhe reconhecem».

«Não podendo enumerar todos os que contribuíram para o notável empreendimento, queremos, entretanto, deixar público agradecimento, ao camarada Domingos Abrantes e ao Professor Fernando Rosas, para ambos, o mais elevado apreço pela relevante contribuição no estudo e elaboração de conteúdos para a

instalação do Museu Nacional Resistência e Liberdade», disse a finalizar.

Das cerimónias, para além do descerramento de uma placa comemorativa, constaram concertos de A Garota Não e do grupo Sopa de Pedra, num palco localizado no exterior da fortaleza, e a actuação de Sofia Lisboa, que cantou por diversas vezes, na cisterna, o «Fado do Abandono (Fado de Peniche) e o «Hino de Caxias».



HOMENAGEM EM CAXIAS

Durante a manhã, assinalou-se em Caxias a libertação dos presos políticos, ocorrida precisamente 50 anos antes. Numa cerimónia junto ao Monumento aos Libertadores e Libertados, presidida por Ana Pato, do Conselho Directivo da URAP, a banda da Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense tocou o «Hino de Caxias» e «Grândola, Vila Morena», o que voltaria a fazer à tarde, em Peniche.

Ali entrevistaram, perante centenas de pessoas, Mário Araújo, ex-presos político e membro do Conselho Nacional da URAP, o comandante Caldeira Santos, da Associação 25 de Abril, Isaltino Morais, presidente da Câmara Municipal de Oeiras, e Ulrich Schneider, secretário-geral da Federação Internacional de Resistentes.



Conferência Internacional «Democracia, paz e liberdade. Fascismo nunca mais» debate actualidade política



No âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, a URAP organizou, dia 26 de Abril, na Escola Secundária Camões, em Lisboa, a Conferência Internacional «Democracia, paz e liberdade. Fascismo nunca mais», a fim de debater a actualidade política, para a qual convidou personalidades nacionais e estrangeiras.

A conferência valorizou o significado histórico da Revolução de Abril, aprofundou, 50 anos depois, o que representou para os portugueses, para os povos colonizados e para o mundo o derrube do regime fascista que durou 48 anos – o fim das guerras coloniais, a libertação dos presos políticos, a conquista da liberdade e da democracia, o novo tempo de progresso e de participação popular nos muitos avanços e transformações realizados.

A mesa da Conferência Internacional foi constituída pelo coordenador da URAP, José Pedro Soares, por Ana Páscoa, do Conselho Nacional, pelos membros do Conselho Directivo César Roussado, Carlos Mateus, Teresa Lopes e Edgar Costa, por Eulália Miranda, da Mesa da Assembleia Geral, e por Ulrich Schneider, secretário-geral da Federação Internacional de Resistentes (FIR).

Após as intervenções do coordenador da URAP, José Pedro Soares, que abriu a sessão, e de Ulrich Schneider, Jean Cardoen, membro da resistência belga, deu uma breve explicação sobre as várias edições do «Comboio dos 1000» – viagens

organizadas pela FIR aos campos de concentração nazis –, em particular a grande participação de portugueses em 2012, e anunciou um novo encontro de juventude em Buchenwald, em 2025.

Domingos Lobo, escritor e membro do Conselho Nacional da URAP, considerou que «estamos hoje, na Europa, perante o surgimento de um novo fascismo, o qual se alimenta dos meios de comunicação clássicos e dos canais ditos de informação (...). Eis o campo da nossa luta: impedir que o pensamento único se imponha, que a mediocridade campeie e que a liberdade crítica, de pensar e criar não seja estrangulada».

Após uma resenha histórica do que era Portugal durante os 48 anos de fascismo e da sua integração da NATO, o militar **Martins Guerreiro** salientou que o 25 de Abril «abriu as portas a um tempo novo de paz, liberdade, igualdade de direitos e deveres, de oportunidades e possibilidade de participação plena dos cidadãos na edificação de um país mais livre, solidário e justo».

Andrea Catone, director e editor da MarxVenture, lembrou o 25 de Abril de 1945, em Itália, quando o «Comité de Libertação Nacional ordenou uma revolta geral nas cidades do norte - de Génova a Milão - ocupadas pelos nazi-fascistas, que foram obrigados a render-se aos partisans italianos, principalmente às brigadas Garibaldi, compostas por comunistas e socialistas. Foi o momento mais alto da

história do movimento operário italiano e coroou a estratégia da frente única».

Edgar Silva, licenciado em Teologia, abordou a temática dos católicos progressistas, citando o Padre José da Felicidade Alves: «não há “revolução cristã”, mas tão só um apelo para que os cristãos entrem na opção revolucionária e lancem a sua força na batalha para potenciar o êxito da vitória.»

Filipo Giuffrida, da Associação dos Partigiani Italianos (ANPI), lembrou os que «nunca desistiram e defenderam sempre os direitos universais. Não os “seus” direitos, mas “os” direitos. Os direitos daqueles que lutavam ou apoiavam o movimento antifascista, bem como os direitos daqueles que estavam demasiado assustados, que eram demasiado tímidos, demasiado interessados em manter o *status quo* para lutar e até os direitos daqueles que oprimiam o país».

Carlos Lopes Pereira, jornalista, centrou a sua intervenção nas relações de amizade entre os portugueses e os povos das colónias africanas, cientes de que o inimigo comum foi o regime fascista e colonialista de Portugal. «Vale a pena visitar alguns aspectos das estreitas ligações entre a luta antifascista em Portugal e as lutas anticolonialistas e de libertação nacional», afirmou.

António Filipe, professor e deputado do PCP, afirmou que a Constituição de 1976 tem inscrito o essencial das conquistas da revolução democrática, pelo que «não

admira por isso que a revisão da Constituição, tal como hoje vigora, continue a ser um objectivo das forças reaccionárias». Não tem paralelo em constituições anteriores, acrescentou.

A Embaixadora do Chile em Portugal, **Marina Teitelboim**, convidada da conferência, referiu-se ao Museu da Memória e Direitos Humanos, inaugurado em Santiago do Chile em 11 de Janeiro de 2010, para que através da «reflexão ética sobre a memória, a solidariedade e a importância dos direitos humanos, se fortaleça a vontade nacional para que Nunca Mais se repitam factos que afectem a dignidade do ser humano».

Gonçalo Paixão, jovem trabalhador, debruçou-se sobre a «realidade dos um milhão e 300 mil jovens que compõem a juventude trabalhadora em Portugal», considerando que existe um «processo de degradação das relações de trabalho em favor do capital (...) que tem travado o desenvolvimento nacional, fragilizando o aparelho produtivo, a economia e o emprego».

Ida Figueiredo, presidente da direcção do CPPC, valorizou o «momento tão difícil como o que estamos a viver no plano internacional, onde crescem diariamente novas ameaças à paz, onde forças retrógradas, xenófobas e fascizantes se procuram afirmar pondo em causa a liberdade, a democracia e a paz, em que se torna ainda mais importante a convergência de vontades na defesa da paz, na denúncia das ingerências externas».

Sebastien Laborde, jornalista e sociólogo francês, abordou a «progressão da extrema-direita no meu país e na minha região», e disse ser «testemunha do que a extrema-direita tem feito nos últimos dois anos para atingir o seu objectivo de conquistar o poder em França».

José Goulão, jornalista, denunciou a cumplicidade do jornalismo com dominante

com os «novos métodos censórios, cada vez mais sofisticados, a promiscuidade com a classe política e os centros de poder; a subserviência provinciana perante a doutrinação da NATO e da União Europeia».

Luís Farinha, historiador, professor universitário e primeiro director do Museu do Aljube, afirmou que «vivemos um tempo de emergência democrática e humanitária», defendendo que «é nestas fases de aspiração de igualdade e de crise humanitária que o nosso espírito e consciência se têm de erguer com mais argúcia e combatividade».

O sociólogo espanhol **Willy Meyer** falou em nome da Associação Marcos Ana, o membro do Partido Comunista Espanhol preso político durante 23 anos. «Sim, na Europa que viveu os horrores e as consequências do nazismo e do fascismo, estão de regresso organizações políticas de extrema-direita e previsivelmente, como indicam as sondagens, poderão alcançar um resultado exponencial nas próximas eleições europeias», alertou.

Carlos Tomé, escritor, centrou a sua intervenção sobre a Fortaleza de S. João Baptista, na ilha Terceira, nos Açores, que «foi, por longas e penosas décadas, um presídio. (...) Sobretudo nas décadas de 30 e 40 do Séc. XX, centenas de opositores à ditadura fascista de Salazar foram encarcerados e privados dos mais básicos direitos de cidadãos, naquela Casa da Morte, como lhe chamavam os carcereiros».

Ana Prestes, brasileira, professora universitária e socióloga, fez uma resenha histórica relatando o início das ideias fascistas no Brasil, nos anos 20 e início dos anos 30 do século XX, a criação da Aliança Nacional Libertadora, sob a liderança de Luiz Carlos Prestes, o *Cavaleiro da Esperança*, os anos da ditadura e a prisão de Prestes e outros dirigentes, que durou 21 anos.

“Esse é também um objectivo da nossa Conferência: celebrar os 50 anos da Revolução de Abril e, ao mesmo tempo, procurar perceber melhor quais são hoje os perigos para a liberdade e a democracia, mas também para a paz – porque como nos ensina a história, a promoção das concepções reaccionárias e fascizantes são acompanhadas da promoção da violência e da guerra.”

José Pedro Soares, coordenador da URAP

Rita Rato, directora do Museu do Aljube - Resistência e Liberdade, sublinhou a importância da preservação da memória fazendo notar de como ela se faz também a partir das pequenas coisas do quotidiano, aludindo às circulares da CNSPP e à importância que elas tiveram para conhecermos, por exemplo, o caso da Albina Fernandes, presa com duas crianças.

O historiador **Manuel Loff** destacou as prisões políticas como lugares da memória da resistência e de como ela deve ser preservada nesses mesmos lugares e não noutros. Defende, assim, a edificação de um Museu da Resistência na antiga sede da PIDE no Porto, no edifício da Rua do Heroísmo, destacando a perseverança da URAP para o cumprimento deste objectivo.

A Fundação Amílcar Cabral enviou uma mensagem à conferência que foi lida por Matilde Lima, tendo em seguida **César Roussado**, do Conselho Directivo, proferido a intervenção de encerramento, citando Salvador Allende, terminou com esperança no futuro, afirmando que «mais tarde ou mais cedo, abrir-se-ão as alamedas do futuro».

Todas as 24 intervenções à Conferência Internacional vão ser editadas em Livro. Para terminar a sessão actuou o Coro Lopes-Graça, num reportório que comporta também a história da resistência em Portugal.



As delegações internacionais cumpriram um programa de iniciativas, entre as quais se incluem as visitas ao Museu do Aljube - Resistência e Liberdade e à Fundação José Saramago



“A Revolução dos Cravos, em Abril de 1974 tornou-se um símbolo de que regimes fascistas, tais como a ditadura de Franco na Espanha ou o regime de Pinochet no Chile, poderiam ser derrotados pelo poder do povo e pela solidariedade internacional.”

Ulrich Schneider, Secretário-Geral da FIR



UNIAO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES
URAP
25 de ABRIL SEMPRE!
FASCISMO NUNCA MAIS!

**PROCURO
ABRIL
NO MEU
FUTURO**

URAP UNIAO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES
NÚCLEO DE ALMADA
25 de ABRIL SEMPRE
FASCISMO NUNCA MAIS!

50 anos de Abril



UNIAO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

WWW.URAP.PT



Lisboa

Em comemorações imensas, como há muito não se via, o 25 de Abril de 2024 foi celebrado por todo o país. A URAP esteve sempre presente, com sócios e amigos, entre panos e bandeiras alusivas. Foi a festa dos 50 anos da Revolução dos Cravos que encheu ruas e praças com gentes deste país, sobretudo muitos jovens.

Ao som de «Grândola, Vila Morena» e outras canções revolucionárias, com cravos ao peito ou na mão, o dia ficou marcado por palavras de ordem de liberdade e contra os que ameaçam os direitos conquistados na Revolução de Abril.

Em **Lisboa** gritou-se «25 de Abril, sempre, fascismo nunca mais!», houve bombos e canções, e as pessoas de todas as gerações levaram várias horas a percorrer toda a Avenida da Liberdade. Isto enquanto o Rossio já estava cheio de gente. Foram milhares e milhares, talvez um milhão de pessoas, que saíram à rua em Lisboa para comemorar os 50 anos do 25 de Abril.

No **Porto**, a concentração foi junto à antiga cadeia da PIDE do Porto, hoje Museu Militar, na Rua do Heroísmo, onde a URAP desenvolve o projecto «Do Heroísmo à Firmeza», e onde da parte da manhã se realizou uma sessão. Em seguida, os manifestantes rumaram à Avenida dos Aliados e reuniram-se aos muitos milhares de pessoas na Praça da Liberdade. Domingos Oliveira interveio em nome da URAP.

Em **Coimbra**, as comemorações populares dinamizadas pelo Ateneu de Coimbra, envolveram cerca de 150 organizações, tendo a URAP integrado

a Comissão Executiva com Alfredo Luís Campos e Beatriz Rosa. Estima-se que estiveram presentes cerca de 8.500 pessoas.

Em **Almada**, a URAP integrou as comemorações populares organizadas pelo movimento AlmadaAbril, com início na Avenida Nuno Álvares Pereira até à Praça da Liberdade. Participaram muitas centenas de populares, atletas, músicos e membros de ranchos folclóricos de muitas colectividades. Na Praça do MFA, junto ao Monumento aos Perseguidos, foram lançadas pombas brancas simbolizando a Paz.



Coimbra



Porto



Almada

Em **Vila Franca de Xira**, o desfile foi promovido pela URAP e a população esteve em peso. Juntou-se o Movimento Associativo Popular do Concelho, as Comissões de Utentes, os Sindicatos, as Associações de Pais e muitos outros democratas. Pela URAP falaram Cláudia Martins e José Ernesto Cartaxo.



Vila Franca de Xira

Em **Braga**, com a participação do núcleo de Braga da URAP, a manifestação do 25 de Abril de 2024 na cidade minhota foi enorme como já não se via há anos. Eram milhares de pessoas na manifestação e outras tantas a assistirem e a apoiarem.



Braga

A URAP nas comemorações do 48º aniversário da Constituição da República Portuguesa

Em **Lisboa**, no dia 2 de Abril, no Largo do Carmo, José Pedro Soares, coordenador da URAP e ex-deputado constituinte, falou em nome de cerca de 30 organizações e associações promotoras do acto comemorativo destinado a assinalar a passagem de 48 anos da aprovação e promulgação da Constituição da República Portuguesa (CRP).

No **Porto**, as comemorações decorreram na Praça Carlos Alberto, onde interveio Ilda Figueiredo, do Conselho Português para a Paz e Cooperação.

A Lei Fundamental foi elaborada por deputados da Assembleia Constituinte, eleitos a 25 de Abril de 1975, aprovada e promulgada em 2 de Abril de 1976, nela estão inscritas as transformações políticas, económicas, sociais e culturais ocorridas após a revolução.



Lisboa

Mafra tem um Memorial aos Presos e Perseguidos Políticos do Concelho

Em **Mafra**, numa iniciativa da Câmara Municipal em cooperação com a URAP, foi inaugurado, na noite de 24 de Abril, o Memorial aos Presos e Perseguidos Políticos do Concelho de Mafra (1926-1974) para assinalar a luta de 191 resistentes e combatentes pela democracia e pela liberdade, da autoria do escultor José Eduardo.

Simultaneamente, foi editado um livro, «Lutaram pela Liberdade! Uma história da Resistência à Ditadura Fascista no Concelho de Mafra (1926-1974)», com um código QR colocado no monumento, onde se pode obter a informação nele contida.

Luís Farinha usou da palavra em nome do Núcleo da URAP e cidadãos democratas e antifascistas de Mafra. Falou sobre a liberdade conquistada e o fim da guerra, a emigração forçada, a opressão, o analfabetismo, a prisão política, a censura, os baixos salários e pensões, o trabalho infantil, a miséria de largas camadas do povo e o seu atraso cultural. Homenageou os resistentes naturais do concelho de Mafra, os presos e os refugiados políticos, terminando a sua intervenção com o poema «E o Povo Trabalhador?», de António Batalha, «com a 4.ª classe feita aos 34 anos, um homem do povo de Mafra, oleiro, operário da FOC, sindicalista».



Abril em todo o País

A URAP promoveu e participou num vasto conjunto de iniciativas comemorativas da Revolução de Abril, percorrendo o País em sessões, exposições e debates, com o apoio de muitas entidades ou organismos.

No distrito de **Coimbra**, a URAP desenvolveu uma intensa actividade de comemoração do 25 de Abril. Particularmente notável foi o alcance das exposições evocativas, vistas por milhares de pessoas nos seis lugares em que estiveram patentes, alguns dos quais com grande movimento: o átrio de entrada dos Hospitais da Universidade de Coimbra (inaugurada no dia 18 de Abril com a presença do conselho de Administração dos CHUC); no Centro Comercial Coimbra Shopping, onde permaneceu de 12 de Abril a 2 de Maio; no Hospital Sobral Cid, no Colégio Rainha Santa Isabel, na Escola Rainha Santa Isabel e na Escola Secundária Jaime Cortesão. A URAP participou ainda em diversas iniciativas comemorativas, como uma sessão na Biblioteca Municipal de Condeixa, a 2 de Março, com a presença de Domingos Abrantes, Conceição Matos e representantes da Câmara Municipal e numa tertúlia na Real República Rás-Teparta.

Na **Figueira da Foz**, dia 11 de Maio, realizou-se uma sessão organizada em conjunto com a Junta de Freguesia de S. Pedro, Clube Mocidade Covense e União de Sindicatos da Figueira da Foz. Participou Jorge Seabra, médico ortopedista, escritor e ex-presos político.

No **Pragal** (Almada), esteve patente entre 21 de Abril e 10 de Maio, no Centro Cultural Fernão Mendes Pinto, a exposição «Celebrar o 25 de Abril», com trabalhos efectuados pelos alunos das Escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico (EB1) sobre os 50 Anos do 25 de Abril. Resulta de um protocolo firmado entre a URAP e a União de Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas (UFACPPC).

Em **Alcochete**, dia 4 de Maio, fez-se uma homenagem a Estêvão José Danguê Giro, jovem tipógrafo alcochetano assassinado pela polícia no 1.º de Maio de 1962, em Lisboa. Organizado pelo Núcleo de Alcochete e pela União dos Sindicatos de Setúbal, com o apoio das autarquias.

Em **Sesimbra**, no dia 13 de Abril, realizou-se uma sessão de homenagem aos pescadores do 11 de Abril de 1900, presidida por António Carlos Brazinha,



membro do Núcleo de Sesimbra, na Sociedade Musical Sesimbrense. Intervieram o vereador da Câmara Municipal de Sesimbra José Polido, Carlos Mateus um dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Marítimos.

No **Barreiro**, a 25 de Maio, um espectáculo na Sociedade Democrática União Barreirense «Os Franceses», que teve como mote «Maio Maduro Maio», foi um tributo à obra de José Afonso. Participaram 180 pessoas, entre os quais antigos presos políticos e muitos familiares e professores dos 50 jovens alunos de escolas do Barreiro que participaram no espectáculo, que contou ainda com os artistas barreirenses Tony da Costa e Vítor Sarmento e o grupo coral alentejano «Os Amigos do Barreiro».

Em **Alhos Vedros**, concelho da Moita, teve lugar um debate no dia 17 de Maio sobre «Repressão em tempos de ditadura» na Academia M. R. 8 de Janeiro, com a presença de uma centena de pessoas. Participaram José Pedro Soares, coordenador da URAP, Aurora Rodrigues, ex-presos da política, e a presidente da colectiva Dores Nascimento, ela própria filha de um antigo preso político.

Em **Galveias** (Ponte de Sor), no dia 2 de Maio, foi inaugurada uma exposição sobre os 50 anos do 25 de Abril no Espaço Multiusos de Galveias, com



diversos painéis que contam a história da Revolução dos Cravos e as suas conquistas. Em seguida, sessão com José Baguinho, Fernanda Bacalhau, presidente da Junta de Freguesia, e Luís Soeiro, presidente da Assembleia de Freguesia de Galveias.

Em **Castelo de Vide**, a 7 de Maio, António Vilarigues apresentou a exposição, numa iniciativa conjunta da URAP e do MURPI, com o apoio da Câmara Municipal.

A reedição do documento «Bases para um Roteiro da Resistência ao Fascismo no Porto» foi apresentada no dia 1 de Maio, no **Porto**, pelos autores Mário João Mesquita, arquitecto, e Silvestre Lacerda, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. A sessão decorreu no último andar da antiga sede da PIDE no Porto, onde estavam situadas as várias salas de interrogatório e tortura aos presos e onde está em desenvolvimento o projecto da URAP «Do Heroísmo à Firmeza - Memórias da Casa da PIDE no Porto - 1934/1974».

Em **Torres Vedras**, dia 27 de Abril, foi homenageado Fernando Vicente, preso no Tarrafal durante 16 anos, um exemplo de lutador, de resistência e firmeza até à sua morte, em 22 de Janeiro de 1965. Houve também uma visita ao castelo medieval.



Em **Portalegre**, a 25 de Abril, foi inaugurada uma exposição sobre a Revolução de Abril, numa praça da cidade, tendo sido muito visitada pela população.

Em **Peniche**, a 13 de Abril, banca de rua com material e exposição com painéis sobre o 25 de Abril, frente ao Mercado Municipal. No âmbito do Roteiro da Resistência e Solidariedade, que a URAP promove em Peniche, foram colocadas placas identificadoras em vários locais marcantes da repressão fascista e da resistência. Depois de, em 2023, terem sido realizadas 54 visitas do âmbito do roteiro, em 2024 foram até ao momento realizadas 18.

Em **Gouveia**, dia 13 de Abril, ocorreu uma sessão sobre a luta clandestina, na Biblioteca Municipal Virgílio Ferreira, com Armando Morais e Mariana Morais, membros da URAP e do PCP e resistentes clandestinos. António Vilarigues e Clemente Alves entrevistaram, no dia 6 e Abril, entrevistaram numa sessão realizada na Associação Desportiva de **Avões**, no concelho de Lamego. Antes, visitaram uma exposição no Museu Pedagógico de Lamego sobre a censura e outras proibições que limitavam a liberdade do povo português durante os 48 anos de fascismo.

Em **Avis**, dia 13 de Abril, com o apoio da Junta de Freguesia de Avis, esteve patente durante todo o mês de Abril a exposição «25 de Abril Sempre», da autoria da URAP. A apresentação esteve a cargo de José Baguinho.



Em **Loures**, nos dias 7, 12 e 13 de Abril, foi apresentado o espectáculo teatral «Qual a Cor da Liberdade?», de Marília de Sousa, pelo TIL - Teatro Independente de Loures, na Academia de Sacavém, na Sociedade Corações de Vale Figueira e nos Bombeiros Voluntários de Fanhões. Eduardo Baptista interveio em nome da URAP. A 11 de Maio, também em Loures, houve um debate sobre «A canção de Intervenção e o 25 de Abril», na Galeria Municipal Vieira da Silva da CM Loures, com Eduardo Batista. Moderado pelo jornalista João Morales, participaram os músicos e cantores Rogério Charraz e Joana Alegre e o investigador musical especialista da música portuguesa, João Carlos Calixto.

Em **Évora**, a exposição «Da Resistência à Liberdade – Para que a memória não se apague», esteve patente entre 4 de Abril e 11 de Maio na Igreja de São Vicente, tendo sido visitada por mais de 3000 pessoas. Com curadoria de José Monginho, exibiu fotografias, jornais, panfletos e outros documentos, bem como objectos relacionados com a resistência à ditadura – desde fichas de antifascistas presos pela PIDE até uma bicicleta utilizada na região em acções clandestinas durante a Ditadura. Aberta pelo presidente da Câmara Municipal de Évora, Carlos Pinto Sá, contou com a participação de Bernardino Grilo e Carlos Lopes Pereira. O encerramento da exposição foi assinalado com o espectáculo «Canções de Abril», com Paulo Ribeiro e João Vitorino.

Em **Lisboa**, dia 19 de Abril, exposição com diversos painéis temáticos sobre o período dos 48 anos de repressão do regime fascista, comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril, no átrio da Faculdade de Direito de Lisboa, numa parceria entre a URAP e Associação Portuguesa de Juristas Democratas (APJD). Patente até 4 de Maio. Nas vitrines havia originais de panfletos, livros, comunicados, jornais, emblemas e outros materiais. Presentes na inauguração o director da Faculdade de Direito de Lisboa, Eduardo Vera-Cruz Pinto, Francisco Lopes, membro da Direcção Nacional da URAP, Madalena Santos, presidente da APJD, André Marçalo, membro da direcção da APJD, e vários professores e estudantes.

As comemorações dos 50 da Revolução extrapolam fronteiras. Joaquim Judas, do Conselho Nacional da URAP, foi o orador de uma conferência realizada no Teatro Benno Besson, na Suíça, no âmbito de um vasto programa de comemorações, que incluía espectáculos musicais com artistas portugueses consagrados. Esteve também patente uma exposição dos desenhos de Álvaro Cunhal concebidos durante o seu longo cativeiro. Também na **Suíça**, mas em Chaux-de-Fonds, os desenhos de Álvaro Cunhal estarão patentes entre 14 e 30 de Junho, numa iniciativa da URAP e do Centro de Formação Profissional de Neuchâtel. Do programa fazem parte diversas iniciativas, entre as quais uma conferência em que participa José Viola, resistente antifascista e membro da URAP.



A Revolução de Abril, um projecto para uma sociedade mais justa, um alvo da contra-revolução



O 25 de Abril de 1974 e a Constituição da República, aprovada em 2 de Abril de 1976, são inseparáveis. Ela é, na sua versão original, o retrato da Revolução. Por isso, desde o momento da sua construção e até aos nossos dias teve, tal como a Revolução, inimigos declarados que em sucessivas revisões a mutilaram e empobreceram, limitando o seu alcance e conteúdo progressista, mas também inimigos dissimulados, como se tornou evidente nas políticas governativas de mais de quatro décadas de política de direita, protagonizados por sucessivos governos.

Insidiosos adversários que nunca se conformaram com o seu projecto libertador e emancipador e com as grandes conquistas e realizações da Revolução que são a matriz fundacional da Constituição de Abril. Nunca se conformaram que nela ficasse inscrito um amplo conjunto de direitos políticos, económicos, sociais e culturais que fizeram dela uma das mais avançadas Constituições do mundo.

Não se conformaram com a liquidação do capitalismo monopolista, sustentáculo do regime fascista. Nunca aceitaram as nacionalizações e a Reforma Agrária. Nunca

se conformaram com a institucionalização de um regime político democrático, que assumia a liberdade em toda a sua plenitude e que nela ficassem consagrados importantes direitos dos trabalhadores e do povo, como o direito ao trabalho, à segurança social, à saúde, à habitação, ao ambiente e qualidade de vida, à educação, à protecção na infância, na juventude, na deficiência, na terceira idade. Nunca admitiram que dela brotasse o imperativo de um projecto de construção de uma sociedade melhor, mais justa e mais fraterna.

É um facto indesmentível que as forças conservadoras, políticas e sociais, os grandes interesses económicos e financeiros e os grandes senhores da terra, nunca se conformaram com o projecto de sociedade que dela emana. A sua intervenção e a vida política das últimas décadas o comprovam. Isso está patente nas sete revisões constitucionais que a mutilaram e a empobreceram. Revisões que constituíram significativos retrocessos em relação a alguns dos seus aspectos fundamentais, nomeadamente no que diz respeito à Constituição económica e social, mas também no plano da soberania nacional,

em resultado do processo de integração na União Europeia.

A Constituição económica e social sofreu, logo em 1989, um gravíssimo retrocesso. Foi eliminado o princípio da irreversibilidade das nacionalizações, concedendo ao governo poderes para reprivatizar as empresas nacionalizadas. Foi eliminada a referência constitucional à reforma agrária. Foi eliminado o princípio da gratuitidade do Serviço Nacional de Saúde. As trágicas consequências destas alterações estão bem à vista na sociedade portuguesa de hoje com o domínio do capital monopolista, particularmente estrangeiro, dos sectores estratégicos e das alavancas fundamentais da nossa economia que passaram a estar ao serviço dos seus exclusivos interesses, pondo em causa de forma dramática a nossa soberania e o nosso direito ao desenvolvimento.

Os executores da política de direita sempre fizeram da Constituição o bode expiatório dos males do país para esconder as consequências nefastas da política de recuperação capitalista e monopolista que levaram a cabo, contra Abril e a Constituição.



Vimo-los recorrentemente a afirmar que a Constituição não permitia o desenvolvimento do país, que era um documento ideológico, como se os seus adversários não tivessem ideologia e as forças políticas que se lhes opunham fossem neutras.

Vimo-los em vários momentos promover um brutal ataque à separação de poderes que a Constituição consagra, enquanto limite e fundamento dos poderes do Estado, desde a teoria das forças de bloqueio de Cavaco Silva até à teoria de Passos Coelho de que um país em crise não se podia dar ao luxo de ter Constituição.

O que os executores da política de direita sempre tentaram esconder é que a Constituição, longe de ser um obstáculo ao desenvolvimento do país, era, e é, um obstáculo à concretização dos seus desígnios de destruição de direitos fundamentais do povo português.

Não foi a Constituição da República que impôs o desastroso rumo governativo que conduziu o País à difícil situação em que hoje se encontra. Uma situação marcada por níveis de reduzido crescimento económico,

particularmente a partir da entrada no Euro, por uma contínua liquidação do aparelho produtivo e dos sectores estratégicos, pelo agravamento dos défices estruturais, como o produtivo e o tecnológico, por uma injusta distribuição do rendimento nacional, cavadas desigualdades sociais e crescentes desequilíbrios regionais.

Foram décadas de práticas governativas, concebidas e executadas contra os princípios e valores da Constituição.

Práticas governativas que têm ido ao encontro das pretensões do grande poder económico e orientadas para a restauração, consolidação e reforço do capital monopolista, à custa do património público, sucessivamente alienado, tal como os instrumentos de intervenção e condução das políticas económicas, deixando aos grandes grupos económicos a mão livre ao domínio da economia do País e à sua insaciável sede de concentração e centralização de capitais.

Práticas governativas e de políticas marcadas pela liquidação de direitos dos trabalhadores, pela desvalorização dos salários, pela desregulação dos horários, pela precariedade, pela liquidação de

direitos sociais e pela desvalorização e degradação das funções sociais do Estado, com o ataque ao Serviço Nacional de Saúde e à Escola Pública.

É essa prática continuada de décadas de políticas executadas à revelia da Constituição da República que ainda hoje está em curso.

Quando se atingem os rendimentos do trabalho, impondo a perda do poder de compra dos salários e das pensões. Quando se permite a agudização das injustiças e desigualdades, com o aumento do custo de vida para a maioria do povo a contrastar com os lucros milionários dos grupos económicos. Quando se reduz o investimento público ou se promove a degradação dos serviços públicos que deviam garantir os direitos à saúde e à educação dos portugueses. Quando se recusa garantir os direitos à habitação ou à protecção social dos mais idosos, dos desempregados, dos doentes, das pessoas com deficiência ou dos jovens. Quando se permite a degradação da justiça a regressão da política cultural. Quando tudo isso acontece, é a Constituição de Abril que continua por cumprir.

Se a Constituição fosse respeitada e efectivada nos seus princípios, se fosse concretizada na sua concepção ampla de democracia política, económica, social e cultural, se os direitos e projecto que consagra fossem realidade, Portugal seria um País diferente para melhor, mais desenvolvido, com menos injustiças e desigualdades sociais, com melhores condições para enfrentar os desafios que o futuro coloca.

É no cumprimento da Constituição que se encontra o sentido da resposta aos problemas que atingem o povo e o País. É pela exigência do seu cumprimento que se impõe continuar a lutar. A Constituição não se defende a si própria! Nos trabalhadores, no povo português, reside a sua força principal.

Jerónimo de Sousa

Deputado constituinte e ex-Secretário-Geral do PCP

Nos 50 Anos do Abril: a URAP nas escolas com mais de 30 mil alunos e professores

De Norte a Sul de Portugal continental e nos Açores, a URAP esteve em cerca de 200 escolas a participar em 400 sessões com turmas do ensino básico ao secundário, nas quais participaram cerca de 30 mil estudantes, 700 professores e muitos pais, que tiveram uma experiência única e inesquecível nos 50 anos do 25 de Abril.

Dezenas de ex-presos políticos e outros resistentes antifascistas e democratas percorreram o País para levarem às escolas – aos alunos e aos professores – as suas experiências e vivências antes e depois da Revolução de Abril, a mais original e criativa revolução na Europa depois do fim da Segunda Guerra Mundial, que libertou o povo português do regime fascista e contribuiu para a libertação dos povos africanos do jugo colonial.

Falaram acerca de como se vivia e trabalhava no opressor e repressor regime fascista, da pobreza, da exploração, da falta dos mais elementares direitos

e liberdades democráticas, da sua experiência prisional de torturas e do sofrimento pessoal e das suas famílias. Mas também da resistência e da luta, das fugas (mesmo dentro das sinistras cadeias do Aljube, Caxias, Peniche e outras). Referiram-se também à imensa e indescritível alegria vivida a 25 de Abril de 1974 e à libertação dos presos de Caxias e Peniche, dois dias depois. Falaram das conquistas revolucionárias e de como se regrediu nos anos seguintes.

É relevante que, em praticamente em todas as escolas, foram os professores e associações de estudantes que convidaram a URAP para participar nas sessões em escolas dos ensinos Básico, Secundário e Superior. Algumas delas contaram com 200, 300 e até 600 alunos, professores e pais.

Foram muitos debates, muitas perguntas, muitas experiências e muita emoção. E, também, muito enriquecimento mútuo. Jamais todos estes milhares de jovens e

professores esquecerão estes dias. Em muitas escolas firmou-se o compromisso de voltar novamente.

Em muitas escolas, os professores e alunos que receberam a URAP tinham nas salas de aula, nos átrios e auditórios, desenhos, fotografias e outras imagens sobre o 25 de Abril, elaboradas e seleccionadas com muito gosto e criatividade e, sobretudo, com um significado profundo de apego a Abril e aos seus valores.

É de realçar também que a URAP, nos 50 anos do 25 de Abril, disponibilizou 110 exposições, as quais estiveram patentes nas escolas e foram visitadas, no seu conjunto, por milhares de pessoas.

A URAP, na sua luta contra o branqueamento do fascismo e a reescrita da história, está profundamente empenhada e determinada a continuar este imenso e gratificante trabalho junto das novas gerações.



Mafra



Montemor-o-Novo



Moita



Fazendas de Almeirim



Lamego



Viana do Alentejo



Nos 50 anos do 25 de Abril, reforça a URAP, participa nas iniciativas, contribui financeiramente.

NIB: 0007 0021 0014 3550 0065 3

WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses